

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 11

Parte Litteraria

Carta primeira.

ACERCA DA COMPANHIA DE JESUS, OU DOS FACTOS PRATICADOS PELOS JESUITAS, — DIRIGIDA AO MEU AMIGO O SR. MANOEL ANTONIO MAJOR.

Escrevendo a minha primeira carta sobre os factos praticados pelos jesuitas, cumpro um dever; dever esse sagrado entre nós, visto que reciprocamente nós compromettemos a publicar os bons e os máos actos praticados pelos jesuitas. V. S. sabe que já foi discutida na S. Ensaio Litterario uma these que versava sobre os Jesuitas, e como n'esta occasião, segundo os autores que li, só achasse iniquidades, da parte dos Jesuitas, agora nada mais vou fazer que sustentar a minha primeira opinião; V. S. tomando a iniciativa a favor dos Jesuitas, prometeu provar até a evidencia o contrario do que eu dissesse, para isso propoz-me um desafio litterario, para sahir regularmente no seu bem constituido periodico intitulado — COSMO LITTERARIO; acceitei com summo praser esse desafio, não sem calcular na desvantagem que existe entre nós ambos; mas porque estou bem convencido de que toda a logica e illustração de que dispõem V. S. não serão capazes de provar até a evidencia os actos bons praticados pelos jesuitas, ao menos que V. S. não tome por égide sofisticos argumentos. O publico vai sem duvida rir-se, por ver uma luta tão desigual; V. S. dispõe de fecunda intelligencia, e de outros recursos na litteratura a que eu nunca poderei attingir por mais esforços que faça, porque minha intelligencia é assaz limitada, e os meus recursos litterarios nenhuns; mas desde já o previno que não pedirei capitulação. Entro pois na materia, confiando bastante na leal-

dade e cavalherismo de V. S. para a contestação dos factos que ora apresento.

Em 1521, por occasião do cerco de Pamplona, foi ferido gravemente Ignacio de Loyola, pagem de Fernando V: durante o prolongado tratamento por que passou leu por acaso a vida de alguns sanctos, e mesmo a de Jesus Christo, e essa accurada leitura de tal sorte o impressionou; e lhe inflammou o espirito que resolveu, prompto que fosse o seu restabelecimento, depôr o capacete, armadura e a espada para tomar o habito e as sandalias de peregrino. O remorso da vida desregrada e dissipada que tinha passado Ignacio de Loyola até aquella data, levou-o talvez n'aquella hora a fazer um voto sincero de abnegação ás cousas mundanas, e dedicou-se á sancta causa da igreja.

Em Mamreso foi o seu primeiro acto expiatorio.

Em 1524 visitou os lugares sanctos, e em 1528 entregou-se ao estudo de diversas sciencias na Universidade de Hespanha; porém n'esta época predominando em Hespanha a Inquisição, e não approvando o modo pelo qual Ignacio principiava a ensinar suas doutrinas, acenou-lhe com os seus terriveis calabouços e horriveis fogueiras, que obrigá-rão-no a fugir para Paris aonde nos collegios de Santa Barbara e Dominicanos completa seus estudos. Em Paris tomou estreitas relações com Nicoláu Affonso, ou Bobadilla, Simão Rodrigues d'Azevedo, Pedro Lefèvre, Francisco Xavier, Affonso Salmeron e Jacques Laynez; e, conhecendo n'estes seis homens actividade e perspicacia bastante para bem desempenharem o papel que lhes fosse destinado, não trepidou em fazer-lhes conhecer suas idéas e com elles lançar a primeira pedra do grande edificio jesuitico, que devia flagellar o genero humano por tres seculos!!!

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

VI

O miseravel saltador e o miseravel plutocrata.

(Continuação do numero antecedente)

Seuthro é o Jano da sociedade, isto é: faz parte d'esse circulo de ferro, que estende seus amplexos rigorosos sobre todos os pontos cardeaes, armados de robusta prepotencia e que espalhando libellos venenosos, atira no charco esses mesmos membros, que o hão collocado em tão digna posição. Acostumado nas aventuras, onde seu espirito desenvolve as lês de sua astucia, onde a razão capciosa predomina as almas fracas, elle pudera tornar-se amigo precioso do duque de Niemen, que conhecendo o abysmo sobre o qual estava sentado, cuidára comprar esses

papeis compromettedores com dusentos mil de francos, e, em uma noute, essa troca effectuára-se, e quando o filho de Margarida julgava-se livre do oceano encapellado, que a pouco voltijava em redor de seus pés, eis que o perigo cresce e que o abysmo duplica-se.

O abutre, que esvoaçara sobre os cadaveres dos com batentes de Smolenks, encontrára em Pariz a pedra philosophal, que debalde Flamel, Ruggieri, e Cagliostro procurá-rão, elle acabava de descobrir as minas do Potosi, que forneceria-lhe immensos thesouros: Soubera dos amores do duque de Niemen e Sophia, soube que havia um rival tão poderoso quão rico, e tractou de estender na plenitude de seu desenvolvimento as insidiosas munições, de que se anticipa a astucia quando pretende vencer difficuldades e supperar barreiras.

Erão pouco mais ou menos dez horas da manhã; quando um carro de aluguel parou na praça da Concordia ou de Luiz XV, e um homem, vestido decentemente e com a fita encarnada na casaca, apeou-se, dirigindo-se para uma casa de esplendida apparencia.

— Annunciai um antigo amigo do pai do Sr. Conde, disse em tom rispido Seuthro á um porteiro de libré encarnada.

(Continúa)

O VOTO DE MONTMARTRE.

Um dos autores que consultei, assim se exprime no 1.º capitulo de sua obra:

« A vida dos jesuitas não foi mais do que um drama, tendo por prologo o voto de *Montmartre*, e terminando com o assassinato do Papa Clemente XIII seu protector; principiando depois a comedia na eleição de Clemente XIV, assassinado igualmente por elles. »

Viardot no principio de sua obra intitulada, *Os jesuitas julgados pelos reis, pelos bispos e o papa*, diz:

« Se os Jesuitas, fulminados por Pascal, e por todos os moralistas, expulsos de Portugal, França e Hespanha por um rei tão christão como catholico, e finalmente abolidos como ordem religiosa, pelo Soberano Pontífice da Igreja, tivessem sob estes golpes repetidos desaparecido do mundo, não restaria de sua queda senão a lembrança de um acto de alta justiça e de grande moralidade.

Eis pois Ignacio de Loyola e seus seis companheiros a caminho de Mont-martre para prestarem o terrivel juramento que devia servir de baze a companhia de Jesus. Foi em 15 de Agosto de 1534., na capella subterranea do convento de Mont-martre consagrada a S. Diniz. O aspecto d'essa capella segundo a descreve Boucher, é repugnante. Deante de um altar de pedra seis homens se ajoelham e orão, um setimo, revestido de ornamentos sacerdotaes, murmura em voz baixa uma missa; sua voz lenta e tremula perde-se nas concavidades do subterraneo, que mais se assemelhava a um tumulto que a uma capella. No completo silencio dos circunstantes ouvia-se a compressão de seu respirar alterado. É que a reunião destes sete homens nesta capella tinha por fim alguma cousa terrivel e fatal; é que as palavras que vão ser pronunciadas dahi a pouco são destinadas a ter por toda a terra e durante tres seculos formidaveis échos. Chega em fim o momento solemne que o padre por suas palavras mysticas faz descer um Deus sobre o altar, tendo em suas mãos o calix e a hostia consagrada, que contem para o crente o corpo e o sangue da Augusta victima, e voltando-se para os seus companheiros, mostrou-lhes o Evangelho sagrado para que sobre elle ouçam e jurem o voto solemne que vai prestar o chefe da companhia de Jesus, que com voz forte e compassada principia: Para obedecer as ordens de Deos Todo Poderoso, sob o estandarte da cruz e da companhia de Jesus, juro e faço voto perpetuo de castidade, pobreza e obediencia! prometto na presença da Santa Virgem, e de toda a corte celeste e d'aquelles que me escutam de combater com denodo e perpetuamente em qualquer lugar que esteja pela causa de Deos, e por ordem do nosso Santo Padre o Papa, seu Vigario ou representante sobre a terra, ao qual prometto obedecer como a Deos mesmo. Que meu voto seja pois registrado no céu! Se alguma vez eu a isso faltar, este pão da vida que reclamo, torne-se para mim o pão da morte! Isto dizendo ajoelha-se e communga, cada um de seus companheiros o imita, pronunciando o mesmo juramento e cummungando.

Tenho concluido a minha primeira carta; citei as palavras

do juramento dos sete fundadores da Companhia de Jesus, pois quero que me sirvão de guia, e peço a V. S. tome em consideração as palavras: — castidade, pobreza e obediencia. —
Aguardo sua resposta.

FIM DA PRIMEIRA CARTA.

Rio, 14 de Maio de 1863.

Cunha Avellar.

Parte Recreativa

A arte dramatica, como todas as cousas deste mundo, já teve uma epocha gloriosa, um estadio de glorias ganhas por entre os applausos freneticos de contemporaneos — francos em seus sentimentos e simplicies em seus actos; hoje porem ella tem decahido desproporcionalmente talvez pela velhice ou antes por causa do gelo que atrophiou seus membros. Outr'ora o palco ensinava moralisando, outr'ora o palco educava ensinando; hoje porem só procura despertar a risada e augmentar a concurrencia daquelles, que ignaros aos conhecimentos artisticos, só buscão — infelizes — momentos alegres para entorpecer o tedio que os encadêa.

Se não existem divertimentos o que deve faser o povo? Concorrer aos pseudos-theatros e animar esses artistas, que não sendo verdadeiros interpretadores da arte, apresentam-na como sabem ou entendem e dest'arte julgão-se com *jus* a generosidade do povo, e o povo, faminto de prazeres, applaude e tão generoso não deixa illudir as suppozições, que d'elle faz-se.

O *theatro de S. Pedro* lembra-nos essas noutes esplendidas, em que o genio d'um artista arrancava de nossos corações, um brado unisono, forte e acclamador, de nossos labios, uma phrase significativa, lembra-nos esse rival de Kean, Lekain e Moliere, que nos fureros de *Othello* ou *Hamleto*, que na comedia e no drama como na tragedia sobrepunha todos esses competidores de vasto ingenio; o *theatro de S. Pedro*, digo, dorme hoje á sombra d'um *Christovão com-lobo*, tendo (feliz theatro) encontrado em seus artistas desejos e esforços — *desejos de trabalhar e esforços de trabalhadores*.

O *theatro Lyrico* tem dado algumas representações, dirigidas pela Sra. D. Sezefreda (a viuva augusta do insigne artista-genio João Caetano) e felizmente tem merecido as sympathias do publico

O *theatro de S. Januario*, dirigido pelo actor Martins, não é o que preenche as regras da arte, porém é aquelle que agrada a rapaziada, apesar de que do palco vomita-se satyras apuradas aos nossos homens. Representarão um dia desses uma scena (relativa ao circo) e deu-se uma occurrencia que em nada favorece a educação e conducta dos mancebos de hoje: Alguns aferrados partidarios olympicos, não gostando do humoristico da scena, e, zangados por verem caracterisadas suas doudices, derão umas pa...ta... umas... enfim não digo o que devia dizer; porém o publico, sensato como é e como sempre foi, cubriu as bellas pata... dos moços tão bem educados com bravos e palmas applaudindo ao Sr. Martins, que

merece muitissimo os signaes sympathicos daquelles que o presão.

— Foi uma bella lição e diz-se que o povo é manivela etc etc!

O *Gymnazio* é justamente aquelle theatro, cujas esperanças vão mais longe e de quem esperamos a regeneração artistica.

Agora que havêmos feito uma rezenha ou viagem, pedimos um favor aos nossos leitores: Querem-no fazer meus senhores?

O favor quem o pede é esse seu criado *Sagittario* e como elle tem fé nos leitores, vae já dizendo o que pede, deseja e o que tem vontade de ser servido:

« Desejo que cada um leitor tome uma *assignaturazinha* para o 2.º Anno da *Revista Mensal dos Ensaios Litterarios*, que concorra para a publicação desse periodico, cujas quarenta e quatro paginas merecem a attenção publica; porque desde o principio até a chronica ve-se a facundia dos mancebos, que á sombra das instituições patrias, trabalham incansaveis no arduo mister de propagar as luzes magestosas do progresso, e como a *assignaturazinha* é barata e o publico generoso, o *Sagittario* espera desde já com a protecção benevola daquelles, que forão sempre os protectores das boas idéas.

Dr. Sagittario.

Parte Poetica

Sonhos.

Ao meu amigo F. Chaves.

Chora, minh'alma, desabafa em prantos,
Geme mesquinha no tanger da lyra,
Chora, minh'alma, que a descrença mata
Porque contigo já ninguém suspira.

Brandão Pinheiro.

Quando inda crente eu sonhava outr'ora
Um sonho d'ouro m'embalava a mente;
Quando inda joven, no verdor dos annos
Buscava crenças de um amor fervente:

Achei delirios d'escaldada mente
Demente, louco a imaginar visões.
Amor buscava e achei martyrios...
Era tão crente encontrei traições!

Ah! era um louco a buscar venturas
No lodo impuro de mesclada vida!
Cynicos risos profanavão labios
Além soluços de mulher perdida!

Viver terrivel! que chorar insano
Buscava um peito um amor fervente,
Achei sarcasmos no vai-vem da vida...
Além gemidos de chorar pungente!

Passando a vida vem depois a morte
Sem essa virgem m'enchugar o pranto,
E querem risos quando o peito morre,
Querem delicias quando choro tanto!

Ai! quando crente, n'um viver risonho,
Veio o cynismo meu amor fagar
Fui como a rosa que no prado morre,
E hoje choro sem poder cantar!

4 de Abril de 1864.

Ribeiro Junior.

Perdão!

Perdão, senhora, perdão!...
C. de Abreu.

Perdão ao louco que proscripto, errante.
Vagueia triste, scismarento, incerto!
Perdão ao pobre no viver infante,
Que segue em trilho d'espinhaes coberto!

Perdão ao louco que em pensar delira
Ter olvidado teus conselhos sabios!
Perdão ao pobre que no amor só vira
Desprezo, escarneo, de mentidos labios!

Perdão ao louco que perdendo as crenças
Soffre e lastima seu destino ingrato!
Perdão ao pobre que nas trévas densas
Existe, anhella, ser-te ao menos grato!

Perdão ao louco que ao brilhar luz fatua
Julgou achar um coração sensivel!
Perdão ao pobre que encontrou n'estatua
De um anjo lindo, a traição horrivel!

Perdão ao louco que em delirio péde,
Supplica e insta que lhe chegue a morte!
Perdão ao pobre que o martyrio impede
Servir, amar-te... e bem dizer da sorte!

Perdão ao louco que em tormentos chora,
Sentindo as urses que lhe mirão n'alma!
Perdão ao pobre que cansado implora
Allivio ás pênas que o viver empalma!

Perdão, donzella que em sorrir celeste
Envolves crenças, um futuro bello!
Perdão, donzella! Tu assim quizeste...
É finda a esperança de um sincero anhella!

Rio, Abril de 1864.

M. P. L.

Desvarios.

Offerecido á M. A. Major.

Quando morrer desejava
Sem na vida reflectir;
Quiz com os mortos dormir,
No cemiterio vagava,
E lá quando o bronze soava,
Uma campa vi abrir:

Todo de branco vestido
Um phantasma appareceu,
Erguendo os olhos ao céu
Implorava tão sentido
De morrer arrependido,
Sem saber p'ra que nasceu.

Neste mundo apaixonado
Foi elle que se matou,
Não foi Deos quem o chamou
Nem o perdão lhe tem dado,
Que entre os mortos levantado
— Perdão! perdão! exclamou.

Fiquei tão horrorisado
Quando triste voz ouvi,
Que de medo não fugi,
Tremendo por ser ouzado;
Alem do tumulo o fado
Fui ver dos mortos ahi.

Perdão para o desgraçado
De joelhos a Deos pedi,
Encerrar no tumulo vi
Esse espectro ensanguentado,
Que por Deus é condemnado,
Em paz não repousa alli...

Irtos cabellos a medo
Em todo corpo senti;
Depois que o medo perdi,
De joelhos disse quedo
Vendo de Deos o segredo:
— Para que vim eu aqui?!!

Pela paixão que sentia,
D'amores tanto soffrer,
O desejo de morrer...
Só em minh'alma fervia;
Mas se o morto padecia
Melhor é antes viver.

Quiz morrer, mas achei vida
P'ra meu triste coração,
Fugio logo essa paixão;
Essa magoa tão sentida
Que trouxe a mente abatida,
E tão falta de razão.

Leite de Campos.

Lamento.

No album de uma Senhora.

Mui joven inda, nos meus sonhos candidos
Eu via um anjo para mim sorrir,
E com palavras de ternura prodigas
Prophetisava-me um feliz porvir;
Hoje, mancebo n'esses sonhos credulo,
Tenho no mundo procurado em vão
Pudica virgem de sorriso angelico,
Qual dos meus sonhos a gentil visão.

Meigas donzellas em meu peito cúpido
De um terno affecto do sincero ardor
Tem infundido, por caprichos simplicies,
Mui brando effeito de singelo amor;
Mas oh! que nunca nos seus olhos languidos,
Nas doces fallas de inspirar paixão
Pude encontrar-lhes essa graça timida,
Qual dos meus sonhos na gentil visão!

Ai! onde a virgem de belleza celebre,
Singela, pura, que não tenha par;
Onde alma terna, que um amor perpetuo
Possa inspirar-me, poderei achar?
Só ella a vida, esta vida insipida
Talvez amal-a far-me-hia então!
Tornára longo esse goso ephemero
Que dá-me em sonhos a gentil visão!

Bem como a chamma, que em nocturna lampada
Exhausta do óleo que a faz viver,
Já quer finar-se, já revive tremula,
Luctando em balde, té por fim morrer;
Assim d'outr'ora a esperança vivida
C'os desenganos tem luctado em vão!
Ha-de finar-se como a chamma pallida...
Ha-de extinguir-se c'oa gentil visão!

E morta, ai! morta a esperança, tetrica
Esta existencia para mim será!
Risonhas crencas em meu peito gélido
Nenhum affecto reviver fará!
E indifferente, qual marmorea estatua,
A tudo quanto rodear-me então,
Só a saudade n'este peito sceptico
Ha-de restar-me da gentil visão!

Bahia Junho de 1860.

A. S. Lopes Cardoso.

O *Cosmo Litterario* sahirá todos os domingos, e o preço das assignaturas é o seguinte: Anno 8\$ Semestre 4\$ e Trimestre 2\$.

Recebe-se todo e qualquer artigo, comprehendido no programma, e só será publicado depois de approvado pela Redacção.